

A Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul e a mobilização para os/dos eventos (1963-1978)

Lúcia Helena Pereira Teixeira
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
lucia.teixeira@unipampa.edu.br

Comunicação

Resumo: Os Festivais de Coros do Rio Grande do Sul contribuíram de forma relevante para as formações musicais de gerações de regentes, cantores e do público participante. Sua relevância como arena de aprendizagens, no entanto, somente pode ser entendida se os Festivais forem tomados a partir da ação da Associação dos Festivais de Coros através da mobilização de atores sociais para os/dos eventos, do uso de estratégias de envolvimento, da criação de redes de cooperação e interdependência que permitiam sua realização e das tramas que envolveram os atores sociais naquele contexto específico. O estudo foi concebido a partir da teoria das configurações, de Norbert Elias (1997), que ajudou a revelar e compreender como se constituíam as redes entre os participantes e a formação de *habitus* a partir daquelas práticas musicais. A ação da Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul pode ser percebida a partir de dois eixos, um de atores internos, formado por agentes próximos uns aos outros – imprensa, público, coros e regentes – e, outro, formado por atores externos – autoridades/governos, empresas patrocinadoras e apoiadores. Nesta comunicação serão enfocadas, das ações da Associação dos Festivais de Coros, as estratégias de mobilização dos agentes internos – imprensa, público, coros e regentes como engendradoras daqueles eventos no estado do Rio Grande do Sul, sem as quais aquelas práticas músico-educativas não teriam sido possíveis.

Palavras chave: Festivais de Coros; práticas músico-educativas; redes ou figurações sociais

Introdução

Esta comunicação apresenta um recorte da pesquisa de doutorado¹ intitulada *Festivais de Coros do Rio Grande do Sul (1963-1978): práticas músico-educativas de coros, regentes e plateia* e que teve por objetivo geral compreender as práticas músico-educativas engendradas

¹ Investigação realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, sob orientação da prof^a Dra. Jusamara Souza.

naqueles Festivais, realizados durante o período 1963-1978, na cidade de Porto Alegre. A investigação foi inscrita em uma abordagem qualitativa (PIRES, 2010; GONZÁLEZ REY, 2005; MELUCCI, 2005) tendo a história oral por procedimento metodológico (MEIHY, 2005; DELGADO, 2010; PORTELLI, 2011). Além de entrevistas com regentes, cantores, jornalistas e membros da Associação dos Festivais, também foram empregados como fontes de dados artigos de jornais, programas musicais e cartas.

Os Festivais de Coros do Rio Grande do Sul foram eventos músico-vocais que envolveram grupos corais infanto-juvenis e adultos e ocorreram de forma ininterrupta entre 1963 e 1978, em Porto Alegre. Partindo de uma dimensão regional, tomaram, ao longo de seus dezesseis anos, proporção nacional, pan-americana e internacional. Desde o início, em 1963, os Festivais somente foram possíveis porque os indivíduos que compuseram sua comissão organizadora eram autoridades morais (TILLY, 1999), ou seja, pessoas de prestígio na vida social, cultural e política da capital gaúcha àquela época. Além disso, alguns deles haviam sido colegas de trabalho em locais ligados ao turismo, à cultura, ao jornalismo ou à política. Durante os três primeiros anos os eventos foram organizados pela mencionada comissão. A partir de 1966 é constituída a Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, entidade jurídica, visando ao recebimento de patrocínios dos governos, nas esferas municipal, estadual e federal.

Os Festivais de Coros contribuíram de forma relevante para as formações musicais de gerações de regentes, cantores e do público participante. Sua relevância como arena de aprendizagens, no entanto, somente pode ser entendida se os Festivais forem tomados a partir da ação da Associação dos Festivais de Coros através da mobilização de atores sociais para os/dos eventos, do uso de estratégias de envolvimento, da criação de redes de cooperação e interdependência que permitiam sua realização e das tramas que envolveram os atores sociais naquele contexto específico. O estudo foi concebido a partir da teoria das configurações, de Norbert Elias (1997), que ajudou a revelar e compreender como se constituíam as redes entre os participantes e a formação de *habitus*² a partir daquelas práticas musicais.

² Conjunto de disposições introjetadas pelos indivíduos a partir de sua participação nas figurações; pode ser definido como um “saber social incorporado” (ELIAS, 1997, p. 9). O *habitus* resulta do equilíbrio de tensões entre a balança do “eu” (indivíduo) e do “nós” (grupo social), entre processos de distinção e de hierarquia nesse mesmo

A Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul

Dos seis nomes que integravam a comissão organizadora, três eram jornalistas e colegas no *Correio do Povo* – Adail Borges Fortes, Franklin Perez e Oswaldo Goidanich –, um advogado – João de Souza Ribeiro, o administrador do Teatro São Pedro – Dante Barone, e o padre Eugênio Luft. Estavam criadas as circunstâncias responsáveis pelo desenrolar dos eventos, já que a própria Associação, por seus integrantes, apresentava – tanto para a sociedade da época quanto para autoridades governamentais ligadas à ditadura civil-militar –, uma imagem de respeitabilidade e confiança. João de Souza Ribeiro – que tornar-se-ia secretário da Associação dos Festivais de Coros e um dos mais relevantes articuladores daqueles eventos – era cantor do coro da igreja N. S. de Lourdes, em Porto Alegre, e a ideia inicial da promoção de um evento tinha como objetivo angariar fundos para a compra de um novo órgão para a igreja. Assim, também o padre da mencionada igreja tomou parte da comissão e era o responsável pelos programas musicais. No entanto, para a compreensão de um movimento que ganhou relevância e permaneceu ocorrendo durante dezesseis anos consecutivos, é preciso considerar outras forças, tais como a rede que se estabelecia entre seus membros articuladores e a dimensão política que, com o passar do tempo, alcançou.

Oswaldo Goidanich, um dos três jornalistas que compunham a comissão organizadora dos Festivais, havia trabalhado por mais de vinte anos no *Touring Club* do Brasil, seção Rio Grande do Sul, e também tinha sido diretor do Serviço Estadual de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul (SETUR), tendo consolidado ambas as entidades como promotoras culturais. Assim, foi convidado a assumir a gerência de promoções culturais do *Correio do Povo*, com o objetivo de realizar eventos que aproximassem o jornal de seus leitores, tendo permanecido nessa função até 1967 (HOHLFELDT; VALLES, 2008). Da posição que assumiu no novo posto de trabalho, pode-se inferir que a constituição de um Festival de Coros, em uma época em que o canto coral tradicional – tanto escolar, com os coros orfeônicos, quanto adulto, com a tradição

grupo. Pelo *habitus* são aprendidos costumes, modos de agir, tradições, construções simbólicas e visões de mundo (Ibidem, p. 9).

de canto conjunto alemã e italiana – era relevante no estado, tinha ingredientes bastantes para tornar-se um evento exitoso.

Quando da instituição da Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, foi convidado a presidi-la o então presidente da Assembleia Legislativa do Estado, José Sperb Sanseverino. Havia, ainda, um conselho formado por onze membros mais três conselheiros fiscais. Todos, conforme mencionado anteriormente, indivíduos com elevada posição na hierarquia social e política da época.

Para além de poder receber auxílio financeiro e de patrocínios para os eventos, como mencionado anteriormente, a Associação dos Festivais de Coros foi instituída também com intuito pedagógico, a partir da narrativa oficial e conforme seus objetivos:

Promove[r] a apresentação anual, em alto nível, dos coros gaúchos e de muitos outros Estados; 2) oferece[r] estímulo à formação [...] de novos coros públicos e privados [...]; 3) difundi[r] o canto em comum e seu repertório nacional e internacional, da música folclórica à erudita; 4) promove[r] concursos nacionais de arranjos, destinados a enriquecer a literatura coral brasileira; 5) [oferecer] bolsas de estudo completas para que os Regentes gaúchos se aperfeiço[em] no importante Seminário Internacional de Música que a Pró Arte realiza anualmente no Estado do Rio de Janeiro; 6) projeta[r] nacional e internacionalmente os coros rio-grandenses e de outros Estados, através dos [...] Festivais [...]; 7) promove[r], ainda, a edição de discos [dos] festivais, e auxilia[r] financeiramente a edição de discos de [coros] (Carta do secretário da Associação dos Festivais de Coros ao Secretário da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, em 07/02/1973).

Pelos objetivos elencados na carta percebe-se uma ênfase no apoio tanto a coros quanto a regentes corais, além da difusão de “repertório nacional e internacional, da música folclórica à erudita”, visando à formação de público para o canto coral.

A ação da Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul pode ser percebida a partir de dois eixos, um de atores internos, formado por agentes próximos uns aos outros – imprensa, público, coros e regentes – e, outro, formado por atores externos – autoridades/governos, empresas patrocinadoras e apoiadores. A imprensa era muito próxima da Associação, uma vez que muitos jornalistas, especialmente do jornal *Correio do Povo* – maior responsável pela divulgação dos eventos – eram colegas de jornal e integravam a Associação

dos Festivais. O secretário da Associação, João de Souza Ribeiro, sendo cantor de coro, tinha contato com o regente do coro da sua igreja; o regente, por sua vez, trabalhava com outros coros na cidade de Porto Alegre e também sugeria a Ribeiro que alguns grupos, especialmente do exterior, fossem convidados. Dessa maneira, cantores dos coros e regentes eram mobilizados a participarem dos eventos, que ganhavam mais destaque, pela imprensa, a cada edição. A imprensa motivava também empresas a contribuírem com os Festivais através de apoios financeiros para a confecção dos programas musicais e doações de prêmios a serem sorteados entre os participantes. Dessa forma, os patrocinadores, além da divulgação nos programas musicais, tinham suas marcas divulgadas pela imprensa.

A rede mobilizada pela ação da Associação dos Festivais de Coros alimentava a si mesma, já que coros e regentes procuravam participar a fim de apresentarem seus trabalhos musicais e trocarem experiências e repertórios e, ao mesmo tempo, a imprensa responsabilizava-se pela divulgação dos nomes de coros e grupos e procurava incentivar o público a receber os visitantes. A participação de público numeroso a cada espetáculo garantia, por sua vez, o interesse de empresas em participar com doações e patrocínios.

Nesta comunicação serão enfocadas, das ações da Associação dos Festivais de Coros, as estratégias de mobilização dos agentes internos – imprensa, público, coros e regentes como engendradoras daqueles eventos no estado do Rio Grande do Sul, sem as quais aquelas práticas músico-educativas não teriam sido possíveis.

A ação da Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul

Mobilização interna: o envolvimento da imprensa

Como mencionado, muitos jornalistas trabalhavam juntos no jornal *Correio do Povo*. Seu gerente de promoções culturais era um dos integrantes da Associação e, portanto, o periódico tinha interesse na aproximação com seu público e passou a dedicar, a cada edição dos Festivais, cada vez mais espaço para a divulgação dos eventos.

Durante o período dos Festivais de Coros, que ocorriam anualmente em outubro, artigos em jornais eram publicados diariamente e ainda nos dias subsequentes à sua realização. Conforme relato de Antônio Hohlfeldt, jornalista e cantor, no domingo do encerramento dos Festivais ele e os demais jornalistas faziam um “apanhado do que tinha acontecido durante a semana” (Antônio Hohlfeldt, p. 3). Aos domingos, eram editadas e publicadas em torno de três, quatro entrevistas realizadas durante a semana, com regentes e coordenadores de grupos.

O regente Gil de Roca Sales salienta a participação da imprensa, quando se refere ao Festival como um evento “grande” em dois sentidos: “Grande também porque eram duas, três semanas. Tinha a parte gaúcha e a participação do povo era muito grande. Tudo isso, talvez pela força maior que era dada pela imprensa” (Gil de Roca Sales, p. 10). Há também notícias sobre gravações, por televisões locais, de alguns eventos relacionados aos Festivais.

A Associação dos Festivais, embora contasse com jornalistas do *Correio do Povo* e o gerente de promoções culturais daquele jornal fizesse parte de seu quadro de membros, não se descuidava da mobilização de todos os participantes e, a cada edição, os coros participantes eram convidados a cantar na redação dos jornais que apoiavam a iniciativa – em especial no *Correio do Povo*, já que foi o periódico que mais divulgou os eventos no transcurso de suas edições. As “serenatas de agradecimento” à imprensa gaúcha, como eram chamadas, tornaram-se uma tradição dos Festivais de Coros.

Mobilização interna: Estratégias de envolvimento do público

O público era envolvido de variadas formas. De maneira mais direta, nos espetáculos, no momento da compra do ingresso, recebia um cupom de votação onde deveria votar nos quatro coros que mais lhe agradassem e que gostaria que voltassem a se apresentar no final de semana em que cantavam os coros finalistas. Outra estratégia empregada para o envolvimento da sociedade – tanto de indivíduos quanto de instituições – era o incentivo, dado por meio dos jornais, para que recebessem cantores e regentes em sua chegada à cidade, na rodoviária ou no aeroporto. O cantor Arimatéas, do Coral do Carmo, de Recife, relata sua surpresa, certa vez, com a recepção feita pelos cadetes da Brigada Militar:

Foi quando o avião pousou lá em Porto Alegre, e nós olhamos para a pista: tinha de uns quarenta a sessenta cadetes, todos perfilados na pista. Os cadetes, de farda bonita. Aí nós comentamos: “Deve chegar um medalhão por aí; alguma autoridade”. E então, quando nós começamos a descer, eles vieram ao nosso encontro. Então isso aí, pra nós... e davam boas-vindas e perguntavam: “Como foi a viagem?” E depois iam pegando a nossa mala, porque nós íamos pra lá pra academia [da Brigada]. Então, isso aí pra mim foi...! (José Arimatéas, p. 19).

Também a Associação dos Festivais procurava estimular empresas ou escolas para que convidassem um coro para apresentação em troca de um almoço. Dessa forma, além de, naquela ocasião, esse grupo representar um gasto a menos com refeições, essa atividade também propiciava troca entre os visitantes e a comunidade local, o que também era desejável visando à aproximação do público aos Festivais e com essa forma de prática musical, possibilitando aprendizagens para além do espaço da reitoria da UFRGS, onde ocorriam os eventos. Diversos artigos de jornal divulgavam os nomes dos coros, o horário e os locais de apresentações que, em geral, ocorriam em asilos, igrejas, presídios, escolas, empresas e no Hospital Psiquiátrico São Pedro (Correio do Povo, 10/10/1969).

A Associação dos Festivais, nos espetáculos corais, sorteava rádios e “long playings” ao público, além de garantir sua permanência por meio da ordem de apresentação dos coros. No caso do Coral do Carmo, de Recife, que se tornou esperado pela plateia dos Festivais, Arimatéas ressalta: “A gente só entrava para cantar depois de uma hora da manhã. Era sempre o último” (José Arimatéas, p. 3). Ao seguir com seu relato, tenta reproduzir a fala do secretário da Associação: “Não, de jeito nenhum! Se eu colocar vocês em terceiro lugar, quando vocês saírem, o povo vai embora. Vocês vão ser os últimos!” (José Arimatéas, p. 3).

Outra forma de aproximar o público consistia na autorização de bis para os grupos que eram aclamados pela plateia. Após as apresentações das músicas inscritas no Festival, pelo Coral do Carmo, o público pedia ao grupo para que cantasse outras peças que faziam parte do seu repertório: “O professor Ribeiro deixava-nos cantar dois números além [do programa], porque era um repertório que o povo pedia. O povo pedia. Batia palma, batia palma: Bis, bis, bis, bis! E muita gente falava: ‘O Coral do Carmo vem?’” (Arimatéas, p. 19).

O regente Agostinho Ruschel ressalta o repertório como um ponto de interesse do público quando afirma que os grupos “queriam oferecer uma coisa diferente para o público, isso era o que atraía o público também” (Agostinho Ruschel, p. 7). Na opinião de Gil de Roca Sales, o que mobilizava o público em quantidade aos Festivais relaciona-se à variedade musical presente nessa “ideia de Festival” (Gil de Roca Sales, p. 12).

Também apresentações musicais especiais eram usadas como estratégia para o envolvimento do público. Na noite de encerramento dos Festivais a Associação sempre contava com a participação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) tocando, junto aos coros, o “Aleluia”, de Händel.

Mobilização interna: o envolvimento com coros e regentes

A Associação buscava, por meio do envio de cartas, envolver os grupos corais desde antes da chegada do período de realização dos Festivais, fosse notificando o recebimento das inscrições, ou confirmando os dias de apresentações dos grupos. Durante o ano, dava ciência do recebimento de comunicações dos coros, tais como sobre o anúncio de mudança da diretoria (Carta à Associação Coral de Florianópolis, em 20/11/1972), parabenizava os grupos por concertos ou espetáculos para os quais os integrantes da Associação haviam sido convidados (Carta ao Diretor do Coral do Colégio Anchieta, em 03/11/1973), agradecia o recebimento de gravações dos coros (Carta ao regente do Coral da Universidade Federal de Sergipe, em 06/06/1974) ou mediava convites do exterior, em geral do Uruguai ou da Argentina, feitos a coros brasileiros convidando-os a participarem de festivais naqueles países (Carta ao Maestro Dante Magnone Falleri, em 13/12/1973). Nesse caso, embora não fosse seu papel, a Associação assumia também a função de uma associação de coros, no sentido de instituição representativa da atividade coral para os grupos.

Para o regente Gil de Roca Sales, o apoio aos Festivais era articulado antes e logo após os eventos, de forma que “o professor [João] de Souza Ribeiro passava o ano inteiro se correspondendo com os corais que vinham [...]. Tudo está na preparação da coisa” (Gil de Roca Sales, p. 12).

Outra estratégia relatada pelo presidente da Associação dos Festivais foi a realização de viagens com seu secretário pelo interior do estado do Rio Grande do Sul a fim de convidar coros religiosos e das comunidades italiana e alemã a participarem dos Festivais (José Sperb Sanseverino, p. 6).

A Associação dos Festivais promoveu, ainda, apresentações musicais especiais, realizadas fora do tempo/espaço dos Festivais a regentes, suas esposas e cantores. Também na segunda fase dos Festivais, quando cantavam somente os coros classificados, havia sorteio de prêmios a coros e regentes. A estes últimos, quando coincidiam as épocas, era ainda permitido assistir a cursos de regência no Instituto de Artes da UFRGS (Correio do Povo, 08/10/1974).

Durante os dias de Festival, eram convidados alguns dos grupos participantes para jantares de integração e conagração entre cantores e regentes. As jantares ocorriam em restaurantes e churrasarias da capital e, como eram subsidiadas pela Associação, nem todos os coros eram convidados a participar.

Aos regentes a Associação passou também a dar suporte, intermediando contatos e apresentando-os a instituições interessadas em criar grupos corais:

Em verdade, esta entidade vem desde o ano de 1963 trabalhando para o desenvolvimento da arte coral em nosso Estado e no Brasil e entre seus objetivos está o de promover a criação de novos coros, especialmente dentro das empresas e associações, não só como excelentes veículos de relações públicas que passam a ser, mas, especialmente, como admirável meio de conagração entre empregados (Carta de apresentação de um regente à Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil, em 11/12/1972).

A Associação dos Festivais tinha consciência da necessidade dessa intermediação, como uma de suas atribuições – a de envolver-se com “atividades de fomento à formação e desenvolvimento profissional dos regentes e coros”. O papel da Associação, como promotora do trabalho dos regentes era, com frequência, explicitado a autoridades do governo: “Tanto gaúchos como de outros Estados, interv[ém] a Associação, oficialmente, junto aos mais variados órgãos no sentido de que criem coros ou, se já os têm, que dêem o devido amparo aos seus cantores e regentes” (Carta ao diretor do DAC – MEC, em 10/06/1974).

Considerações Finais

Para Norbert Elias (1997), os indivíduos relacionam-se entre si, na sociedade, estabelecendo tramas ou redes, denominadas figurações ou configurações. Para que se possa compreender suas ações em rede, é necessário levar em conta como se estabelecem essas relações de interdependência entre os indivíduos. No caso dos Festivais, foi necessário conhecer quem eram os atores sociais ligados aos eventos, o que faziam – conectados por relações diversas, fossem de trabalho ou referentes ao meio sociocultural comum – e como concebiam os Festivais de Coros que foram propalados durante dezesseis edições. A ação da Associação dos Festivais como mobilizadora dos diferentes atores sociais foi responsável pela concentração de uma quantidade significativa de participantes nos Festivais, fossem de coros, regentes ou de público. A análise dos dados empíricos levou em conta essa perspectiva, entendendo que para compreender as práticas e as formações musicais seria necessário considerar a ação da Associação dos Festivais como organizadora e propulsora dos eventos ao longo dos anos. A mobilização dos participantes, provocada por ela, alavancou o crescimento dos eventos em termos de público e do número de coros. Além disso, os Festivais cresceram também em dimensão; inicialmente, envolviam grupos regionais, tendo passado à dimensão internacional. Considerando-se o crescimento da participação do número de envolvidos, cresce o emaranhado das tramas que se estabelecem entre os indivíduos desde suas redes de origem até a configuração maior representada pelos Festivais. Assim, tornam-se diversos os grupamentos corais, e, necessariamente, as formas de se apresentar e os repertórios musicais. É elaborado um regulamento para a participação, o que ajuda a estabelecer um *habitus* compartilhado pelos membros da configuração e, da mesma forma, coerções sociais, passando a haver um aumento das tensões entre os participantes no decorrer das edições dos Festivais.

Para se compreender as práticas músico-educativas impulsionadas por aqueles eventos é preciso considerar as tramas complexas estabelecidas entre os participantes, em seus diferentes níveis. No entanto, para esse entendimento, é necessário primeiramente levar em conta a ação da Associação dos Festivais como elemento fundamental na promoção e mobilização dos participantes.

Referências

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul**: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-42.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 43-94.

PORTELLI, Alessandro. Entrevista. **Revista Historiar**. Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 4, n. 4, jan./ jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/revistahistoriar>>. Acesso em: 15 out. 2013.

TILLY, Charles. From interactions to outcomes in social movements. In: GIUGNI, Marco; McADAM, Doug; TILLY, Charles. **How social movements matter**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999. p. 253-270.